



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

**Cultura e Infância Kalunga: registro das brincadeiras
lúdicas das crianças da Comunidade Maiadinha, Vão do
Moleque, Cavalcante-Goiás**

Germana Dias Pereira

Planaltina-DF
2023

Germana Dias Pereira

Cultura e Infância Kalunga: registro das brincadeiras lúdicas das crianças da Comunidade Maiadinha, Vão do Moleque, Cavalcante-Goiás

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade UnB Planaltina, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, habilitação na área de Linguagens, Artes e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves

Planaltina-DF

2023

Cultura e Infância Kalunga: registro das brincadeiras lúdicas das crianças da Comunidade Maiadinha, Vão do Moleque, Cavalcante-Goiás

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 14 de dezembro de 2023, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves

Orientador

Prof^a. Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva

Membro interno (FUP/UnB)

Prof^a. Dra. Maria Osanette de Medeiros

Membro interno (FUP/UnB)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, foi Ele que me sustentou as tantas vezes que pensei que seria impossível a realização deste trabalho diante das dificuldades. Vejo que nada é impossível quando temos metas e objetivos concretos.

Agradeço minha família, meu pai Mariano e minha mãe Maria que me olha lá do céu. Creio que está em festa por ver uma das suas filhas realizando mais um sonho. Agradeço meus irmãos Lucas e Moraes, minhas irmãs Raimunda, Marlene, Francisca, Elza, Paula e Dorilene, que foi meu apoio diário, e contribuiu bastante para a realização deste trabalho. Agradeço toda minha comunidade Maiadinha, pela contribuição. Agradeço minhas amigas e amigos, principalmente Jordana que vem me acompanhando nesta caminhada desde meu primeiro semestre.

Agradeço principalmente o professor orientador, Felipe Canova, que se dispôs a estar comigo, para a realização deste trabalho, sempre disposto em me ajudar em tudo para que realizássemos um bom trabalho. Agradeço também toda a banca examinadora, as professoras Regina Coelly e Maria Osanette, que dedicaram parte do seu tempo para ler e analisar o meu trabalho, que para mim é de suma importância.

Resumo

Esta pesquisa tem como tema a relação entre a cultura e a infância Kalunga, com enfoque específico no registro das brincadeiras lúdicas das crianças da comunidade Maiadinha, localizada no Vão do Moleque, Cavalcante-Goiás. A metodologia utilizada na pesquisa foi qualitativa, sendo ela realizada através de entrevistas semiestruturadas, fotos e o relato de brincadeiras e adivinhações coletadas por meio de uma roda de conversa com membros da comunidade. Como resultados da pesquisa, sistematizamos 13 brincadeiras lúdicas Kalunga com fotos das crianças quilombolas vivenciando estas brincadeiras no Colégio Estadual Quilombola Kalunga I, bem como sistematizamos também um conjunto de adivinhações. Por fim, buscamos compreender aspectos da importância deste trabalho de resgate e socialização das brincadeiras com entrevistas junto a três moradores.

Palavras-chave: Infância Kalunga, brincadeiras lúdicas, Escola do Campo.

Abstract

This research has as its theme the relationship between Kalunga culture and childhood, with a specific focus on recording the playful games of children from the Maiadinha community, located in Vão do Moleque, Cavalcante-Goiás. The methodology used in the research was qualitative, carried out through semi-structured interviews, photos and reports of games and guesses collected through a conversation with members of the community. As results of the research, we systematized 13 Kalunga playful games with photos of quilombola children experiencing these games at Colégio Estadual Quilombola Kalunga I, as well as systematizing a set of riddles. Finally, we sought to understand aspects of the importance of this rescue work and socialization of games with interviews with three residents.

Keywords: Kalunga Childhood, playful games, Rural School.

Lista de Figuras

Figura 1 - Pôr do sol na Comunidade Maiadinha, Vão do Moleque, Cavalcante-Goiás, com vista para o Morro do Moleque.	p.12
Figura 2 – crianças da Maiadinha brincando amarelinha	p.32
Figura 3 – crianças da Maiadinha brincando amarelinha	p.33
Figura 4 – crianças da Maiadinha brincando amarelinha	p.33
Figura 5 – crianças da Maiadinha brincando com avião de folha de caju e manga	p.35
Figura 6 – crianças da Maiadinha brincando com avião de folha de caju e manga	p.35
Figura 7 – crianças da Maiadinha brincando com o bilóquio	p.36
Figura 8 – crianças da Maiadinha produzindo as sanfonas de palha	p.38
Figura 9 – crianças da Malhadinha brincando de Corre Cotia	p.39
Figura 10 – crianças da Maiadinha produzindo suas bonecas de capim	p.41
Figura 11 – crianças da Maiadinha com uma diversidade de brinquedos tradicionais	p.42

Sumário

Introdução	p.09
Capítulo 1 - Contextualização da pesquisa	p.12
1.1. O território e a cultura local	p. 12
1.2. Infância Kalunga: simplicidade e pureza	p.15
Capítulo 2 - Referencial teórico	p.19
Capítulo 3: Brincadeiras lúdicas da infância Kalunga	p.28
3.1. Entrevistas com moradores da comunidade Maiadinha sobre as brincadeiras lúdicas Kalunga	p.43
Considerações finais	p.51
Referências bibliográficas	p.54
Apêndice 1 – Roteiro de entrevista	p.55

Introdução

Esta pesquisa tem como tema a relação entre a cultura e a infância Kalunga, com enfoque específico no registro das brincadeiras lúdicas das crianças da comunidade Maiadinha, localizada no Vão do Moleque, Cavalcante-Goiás. Essa pesquisa foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, fotos e o relato das entrevistas com membros da comunidade. É de suma importância sistematizar essas brincadeiras que aos poucos estão desaparecendo da nossa comunidade e de nossas escolas. E assim fazer com que essas brincadeiras sejam registradas e inseridas no ambiente escolar, para que outras crianças tenham a oportunidade de conhecê-las, pois são fundamentais no desenvolvimento social, afetivo e cognitivo da criança.

O objetivo geral consiste em sistematizar as brincadeiras lúdicas a comunidade Maiadinha, Vão do Moleque, Cavalcante-Goiás. Sabemos que tais brincadeiras têm envolvimento entre crianças e adultos, tendo em vista um divertimento, mas também uma aprendizagem que leva ao desenvolvimento nos diversos aspectos como na sua formação, na socialização, no físico, na emoção, no desenvolvimento de habilidades, sejam afetivas, cognitivas e psicomotoras. Existem diversas brincadeiras que levam as crianças ao desenvolvimento, como, por exemplo, a amarelinha que é uma brincadeira que a criança tem que se movimentar todo o seu corpo até a mente para que não se desequilibrar, dentre outras como veremos.

Esta pesquisa resgatou as brincadeiras que estão em vias de desaparecimento nos dias de hoje, por exemplo as brincadeiras de rodas, as adivinhações, amarelinha, pula corda, cavalo de pau, batata quente, chanfana de palha, avião de folha, bolinha de leite de mangaba, bambolê de cipó. Como objetivos específicos elencamos: 1) Conhecer como as crianças brincavam antes e como brincam hoje; 2) Conhecer quais as brincadeiras que elas mais gostam; 3) Identificar quais os desafios encontrados para preservar as brincadeiras lúdicas com as crianças; 4) Buscar incentivar as crianças sobre a

importância das brincadeiras lúdicas; 5) Fazer com que as brincadeiras sejam passadas para outras crianças na comunidade.

Como justificava para a pesquisa, reconhecemos a necessidade de resgatar um pouco das brincadeiras lúdicas da comunidade Maiadinha, buscar e fazer com que as crianças preservem suas brincadeiras e assim trazer a importância delas para a comunidade. Fazer com que as crianças não percam essas brincadeiras, pois é de suma importância para a tradição Kalunga, e assim passar para outras crianças. Buscamos identificar e entender porque as crianças estão esquecendo das brincadeiras lúdicas, bem como saber se essas crianças ainda brincam as brincadeiras de seus antepassados. Almejamos compreender também se essas brincadeiras ajudam no seu desenvolvimento como criança, assim como se esses conhecimentos fazem com elas aprendam outras formas de desenvolvimento tanto no âmbito da educação escolar e como na educação familiar.

Portanto, a escolha desse tema se deu por eu ter crescido e vivido toda a minha infância, adolescência e juventude na comunidade Maiadinha com todos os meus familiares e ter brincado e conhecido essas brincadeiras. Comecei ter a percepção de que as brincadeiras das quais eu já tinha brincado parecem estar se perdendo, ou não estão sendo passadas para as crianças de hoje, por isso vejo que é muito importante registrar brincadeiras que nos ajudam no nosso desenvolvimento.

Desenvolvi esse trabalho com a participação da comunidade, não só das crianças, mas busquei junto com as famílias registrar essas brincadeiras que podem se perder com o passar do tempo e podemos imaginar que daqui alguns anos outras crianças que virão podem não mais conhecer e brincar com essas brincadeiras. Sabemos que estamos vivendo em um mundo em que as crianças hoje não mais têm o gosto pelas brincadeiras lúdicas, mas estão conectadas em um outro mundo, o virtual, que acaba tirando as crianças de interagir, brincar presencialmente com outras crianças. Comparando nos contextos em que eu convivo, vejo que na cidade de Cavalcante, as crianças utilizam muito frequentemente o celular para brincar. Já na comunidade Maiadinha, as crianças ainda cultivam brincadeiras de nossos antepassados e tem a oportunidade de brincar umas com as outras. Porém, vemos também que os celulares já

chegaram na comunidade e, assim, as crianças podem aos poucos abandonar as brincadeiras lúdicas.

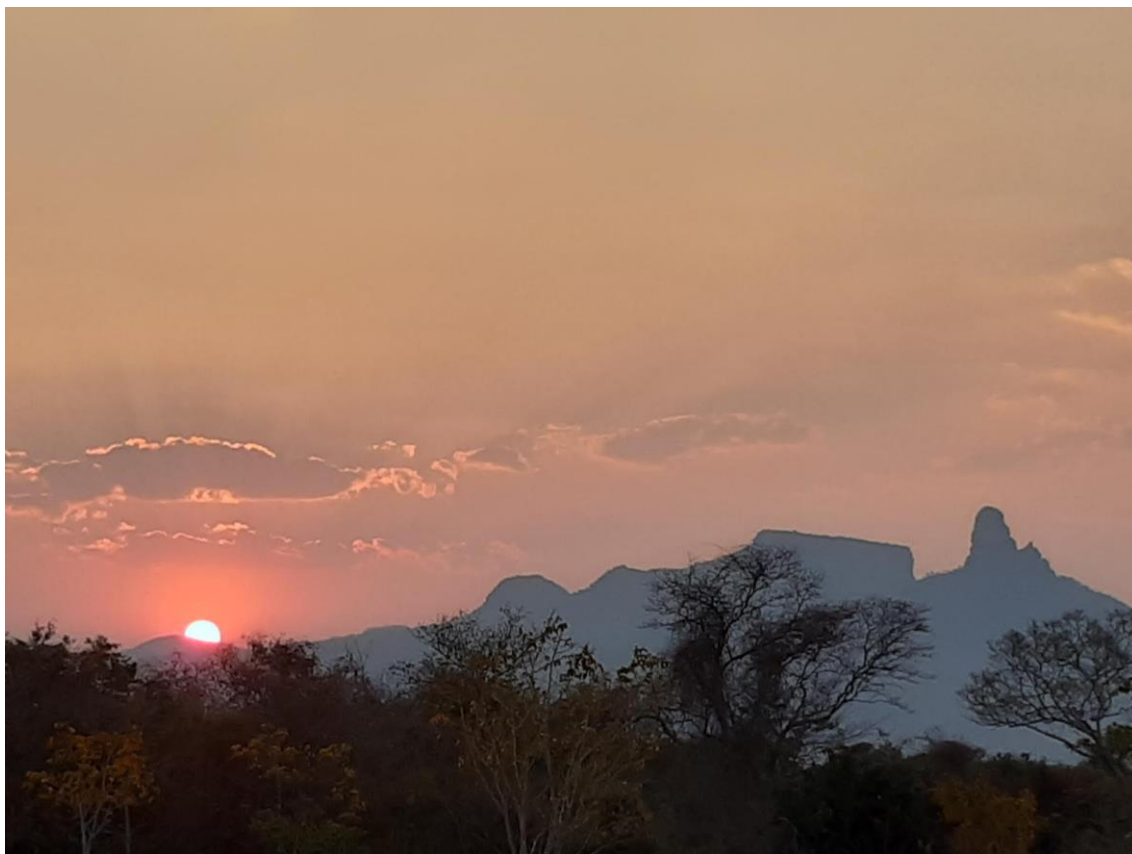
Essa é a minha justificativa para o desenvolvimento do trabalho sobre o registro e resgate das brincadeiras lúdicas das crianças da minha comunidade, identificando assim suas importâncias, através de brincadeiras apresentadas por elas e que juntos possamos identificar vários conhecimentos nelas. Assim abordei brincadeiras diversas que elas conhecem ou que seus pais ensinaram. E dessa forma busquei fazer com que essas crianças conheçam não somente as brincadeiras em si, mas também as canções e as palavras que acompanham essas brincadeiras.

Articulado com o objetivo de resgatar as brincadeiras lúdicas com as crianças da comunidade Kalunga Maiadinha, utilizamos o embasamento teórico de autores que tratam das questões de brincadeiras lúdicas para crianças. Como metodologia, o presente TCC se trata de uma pesquisa qualitativa, em que usamos o método de pesquisa da observação participante e a técnica da entrevista semiestruturada com crianças e famílias da comunidade, onde eles falaram dos tipos de brincadeiras, como elas veem a importância de preservar e registrar essas brincadeiras das crianças. Utilizamos fotos das brincadeiras apresentadas pelas crianças da comunidade, portanto fazendo um registro da memória e história oral.

Capítulo 1 - Contextualização da pesquisa

1.1 – O território e a cultura local

Figura 1 - Pôr do sol na Comunidade Maiadinha, Vão do Moleque, Cavalcante-Goiás, com vista para o Morro do Moleque.



Fonte: Arquivo de pesquisa. Out de 2020.

A comunidade Vão do Moleque, situada no município de Cavalcante, Goiás, é uma comunidade descendentes de quilombos, que fica cerca de 150 km do centro de Cavalcante, entre as cidades de Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás. O Vão do Moleque possui um clima semiárido, com a vegetação típica do cerrado. Alguns rios cortam a comunidade tornando o lugar mais agradável nos meses da seca entre maio a setembro. Nesse período alguns desses rios diminuem a água ou até mesmo secam. São eles: Corriola, Corrente, Correntinho, rio Prata e o Paraná. Esses rios definem os limites das comunidades e o Estado do Tocantins.

O nome Vão do Moleque foi dado, conforme os relatos orais locais, devido aos/as negros/os, que foram escravizados/as, terem resistido e escapado das mãos dos "donos", refugiando-se em lugares de difícil acesso. Essas pessoas se escondiam em locais com grandes montanhas e morros, dificultando o acesso até eles. Com o grande número de pessoas negros/os escravizadas/os, eles se reuniram e formaram um povoado, atualmente conhecido como Comunidade Quilombola Kalunga Vão do Moleque.

Existe também na comunidade um morro que se chama Morro do Moleque. Ele tem um formato de um dedo, como vemos na figura acima. Conta-se um mito que ninguém nunca conseguiu chegar até lá em cima, pois há muitos ruídos de bichos, ventos muito fortes. Isso gera a sensação de que se está caindo e, por medo, quem tenta desiste de continuar a escalada. Esse morro ninguém consegue ver as costas dele, sempre muda seu formato dependendo do local em que observamos. Sendo assim, como sempre vai estar diferente, é considerado como morro encantado. Contam que é por causa do ouro que tem lá, dizem que onde existe muito ouro é um local encantado que tem que ser quebrado. São afirmações e relatos feitos pelas pessoas da comunidade, dizendo que até no presente momento ninguém nunca conseguiu chegar até o final do morro. Com isso, a comunidade é conhecida pelo nome de Comunidade Kalunga Vão do Moleque, fundada pelas/o negros/o que fugiram da escravidão. Devido em ser um lugar cheios de serras chamamos de "Vão", "Moleque" por causa deste morro.

Os moradores possuem como grande traço comum a agricultura familiar camponesa, voltada para o sustento familiar. A minha família é uma das referências dentro da comunidade, pois a nossa vida, o nosso sustento é retirado grande parte da agricultura familiar. Eu contemplei e ajudei a minha família desde pequena para que pudesse produzir os nossos alimentos. Na comunidade Vão do Moleque não há saneamento básico. É uma comunidade de difícil acesso, nem todo tipo de transporte pode chegar até ela. Hoje em dia, diferente de algum tempo atrás, está bem mais fácil fazer esse percurso, pois há estrada de chão batido que facilita os caminhões e carros mais fortes chegarem à comunidade.

Os contatos com os moradores da cidade se estabeleceram desde os anos 1920 e se consolidaram por meio de "antropólogos no final da década de

70 e partir de então o lugar passou a receber constantes visitas de curiosos e pesquisadores de várias partes do mundo. E também a cobiça dos fazendeiros locais” (KOYANAGI, 2016, p.42). Segue em sua descrição deste momento de contatos a pesquisadora Raquel Koyanagi:

As primeiras pessoas que entraram na comunidade se surpreenderam com o modo primitivo como eles viviam: os homens desconheciam qualquer tipo de objeto moderno, como o rádio, e não fazia o uso de dinheiro e as mulheres não sabiam o que eram produtos de belezas. Não gostava dos forasteiros e os considerava assombração. (Idem, 2016, p. 41-42).

A comunidade Vão do Moleque possui uma grande riqueza em saberes culturais e uma grande relação com a natureza. Isso facilita seu modo de produção, onde a maioria das famílias buscam o sustento familiar na agricultura, cultivando assim boas práticas econômicas sustentáveis. A comunidade enfrenta uma grande dificuldade para sua sobrevivência, mesmo com muitas famílias plantando e cultivando alimentos na comunidade, é necessário que pelo menos uma vez ao mês alguém da família vá até a cidade comprar alguns mantimentos necessários para o dia-a-dia. A dificuldade de acesso gera barreiras para um melhor desenvolvimento de ações que atendam todos os membros da comunidade. Os moradores da comunidade lutam para que tenham um melhor acesso, principalmente nos períodos chuvosos, quando muitos chegam a dormir no caminho devido às enchentes dos rios. Mas ainda com tantas dificuldades, os moradores relatam que através de muitas lutas a situação atual está bem melhor que antigamente, pois todo esse percurso de 150 km era feito a pé ou a cavalo. Hoje temos acesso por meio de veículos.

A comunidade Maiadinha, de acordo com Santos, “é um dos lugares mais centrais do quilombo” (2015, p.33). Nela moram cerca de umas 400 famílias, são pessoas muito simples e acolhedoras. Ainda de acordo com Santos, “esse é um local bastante populoso” (2015, p.34), porém percebemos na pesquisa da autora que há um registro de apenas 32 casas em 2015. Hoje em dia, percebemos uma população muito maior.

Na comunidade temos duas escolas do campo, uma é o Colégio Estadual Quilombola Kalunga I que atende os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino

Médio. Temos também a Escola Municipal Maiadinha, que tem duas sedes, sendo uma no povoado Capela e outra no centro da Maiadinha. De acordo com Santos, a escola municipal atendia em 2015 “a Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental. Nessa escola quase todas as turmas são multisseriadas, só não é multisseriada a primeira série e o quinto ano” (2015, p.34). Atualmente, na sede da Maiadinha tem uma sala multisseriada com o pré-escolar e o primeiro ano, e na Capela também temos uma sala multisseriada com o pré-escolar e o primeiro ano, bem como uma sala com segundo, terceiro, quarto e quinto ano multisseriados.

A luta cotidiana por educação no campo é condição primeira para o desenvolvimento de uma Educação do campo. Em outras palavras, a defesa é pela possibilidade de que os processos educativos e conhecimentos, dentro e fora da escola, possam ser experienciadas no próprio território e que sejam profundamente ligados á produção da vida camponesa. (LEITE, 2021.p.106).

Como percebemos historicamente, a cultura tem um espaço fundamental na vida dos Kalunga. Sendo que, dentre a cultura quilombola Kalunga, as festas de tradição são o ponto de encontro para os adultos e para as crianças. É onde as crianças conhecem outros tipos de brincadeiras e tem a oportunidade de fazer novas amizades. As moradoras e os moradores relatam que eram festas bem tranquilas, não precisavam ter tanta preocupação com as crianças, pois elas buscavam participar de tudo principalmente na hora das rezas. Os pais incentivavam sempre para que elas aprendessem e valorizassem suas culturas, depois iam brincar com os colegas. Percebe-se que desde sempre os mais velhos procuravam passar sua identidade para as crianças.

A comunidade Kalunga é formada por descendentes dos primeiros quilombos e de pessoas que fixaram na região ao longos dos séculos que passaram a viver em relativo isolamento, construindo para si uma identidade e uma cultura próprias, com elementos de origem africanos e de europeus, marcados pela forte presença do catolicismo tradicional do meio rural. (KOYANAGI, 2016, p. 44).

1.2. Infância Kalunga: simplicidade e pureza

Vejo que as crianças não estão mais interessadas nas rezas, nas sussas e nem nas brincadeiras como antigamente. Chegam às festas, buscam outras coisas, e também nós pais não deixamos nossas crianças à vontade como antigamente, porque tem muitas pessoas diferentes, que vem de todo lugar (relato de uma mãe Kalunga, informação oral à pesquisadora).

O território Kalunga do Vão do Moleque possui uma diversidade de criações na agricultura familiar, como mencionamos anteriormente. E com uma pequena criação de gado, da pesca e com o extrativismo vegetal, como: o caju, o pequi, guariroba, o coco indaiá, entre outras. Cada família possui também pequenas formas de plantação, tendo itens como arroz, milho, abobora, mandioca, jiló, maxixe e outros para o sustento familiar.

A presença das crianças no âmbito do trabalho é muito frequente, pois desde muito cedo os pais são quase que obrigados a levá-los pro trabalho. Crianças com oito anos já ajudam seus pais na plantação e no cultivo dos alimentos, não de forma exploradora, mas como ajuda e aprendizado, para que assim elas comecem a perceber e compreender que tudo vem através de lutas e muito esforço. Vejo que antes até na questão do ajudar aos pais as crianças tinham mais disposição e mesmo com isso não deixavam de brincar com seus amigos.

Por ser Kalunga e moradora da comunidade tive essa experiência de ter que começar ajudar meu pai logo cedo nos pequenos trabalhos, como cuidar dos meus irmãos mais novos, ajudar na tarefa de casa e nas diversas tarefas. Isso fez com que eu aprendesse a valorizar minha identidade, cultura e tradições. Nessa época eu não entendia muito bem porque não podia somente brincar, hoje eu percebo o bem que todo esse esforço me fez, reconheço que as lutas enfrentadas quando criança se refletem hoje em minha vida. De acordo com Vigotski (2018), tudo que a criança faz na infância reflete durante toda sua vida, nas brincadeiras, mas também em toda a vida do ser humano.

As crianças Kalunga vêm de famílias muito simples, isso faz com que tudo se torna mais divertido de viver. Vemos que elas têm grande amor pelas pequenas coisas, são pessoas muito criativas e inovadoras. Dificilmente vamos ouvir um adulto Kalunga dizer que sua infância foi fácil, a maioria teve grandes

dificuldades e lutas. Mas eles sempre têm grande prazer em falar de quando eram crianças, de suas brincadeiras, e cantos. Como seu Mariano fala:

Ah, quando eu era criança, nossa era difícil demais, eu nunca tive a oportunidade de ir à escola, então o jeito era trabalhar ia todos os dias pra roça com meu pai ajudar ele na plantação. Tinha dia que não gostava de ir não (risos)... Divertimento aqui era demais, nós tomava banho no rio, brincava no mato, nós mesmos inventava brinquedos e todos os dias nós sentava pra ouvir meu pai contar história, nós ria demais, o bom mesmo era as festas que os moradores fazia, todo mundo participava crianças, jovem e adultos. Muitas coisas que sei hoje aprendi vendo meu pai fazer quando eu era pequeno. Minha infância foi sofrida mas foi boa demais (relato de seu Mariano, informação oral à pesquisadora).

Percebemos no relato de seu Mariano quando era criança a simplicidade em tudo que fazia. Antigamente as crianças não tinham a oportunidade de estudar, por isso que os pais atualmente fazem de tudo pra colocar as crianças pra estudar. Mas isso não era nenhum empecilho para aquelas crianças, seus pais passavam tudo que sabiam pra elas, trabalho, histórias e brincadeiras. Os Kalungas cultivavam essa tradição de sentar pra contar histórias de muitos anos atrás, a tardezinha sentava toda a família pra conversar, era nesses momentos que surgiam as perguntas das crianças. E assim aprendiam muitas coisas.

Eu brincava de casinha, pegava casca de pau que dava pra colocar a comidinha, ou vasilha velha de minha mãe e fazia comida de mentira. Boneca nunca comprei, tinha uma de pano que minha mãe fez pra mim, tinha também espiga de milho verde nós fazia como boneca, capim também eu aprendi trançar cabelo foi nessas bonecas aí... Nós brincávamos, se divertia mas sempre tinha a responsabilidade de ajudar nossos pais em casa e na roça (relato da moradora Bela, informação oral à pesquisadora).

As crianças Kalunga possuem uma grande relação com a natureza e com a terra, desde sua infância no brincar, pois a maioria de seus brinquedos é extraída da natureza de uma forma natural ou reciclável. A infância Kalunga, com base na minha vivência e nas minhas observações, posso dizer que é um momento de muitas descobertas e aprendizados. Pois já na infância começamos a fazer parte das atividades na comunidade.

O trabalho revelou-se como dimensão fundamental do processo de aprendizagem e desenvolvimento, da vida das crianças, e como uma das características da infância camponesa analisada, ou melhor dizendo, reafirmou-se, já que é elemento enfatizado em diferentes estudos sobre as infâncias no contexto rural. (LEITE, 2021. p.91).

Como vemos na epígrafe do subcapítulo, podemos perceber também uma preocupação dos pais, na questão do desinteresse das pessoas que vivem hoje na comunidade pela cultura que cultivam desde muito tempo. Quando a mãe fala da preocupação para com as crianças é porque antigamente nas festas e comemorações religiosas, os participantes eram somente pessoas da comunidade e das comunidades mais próximas onde todos eram conhecidos. Os moradores relatam que com a chegada de novas visitas também chegou várias preocupações pra comunidade.

Sendo assim, retomando nossa pesquisa, tivemos como foco sistematizar e registrar essas brincadeiras lúdicas. Vemos como dito acima que os moradores mais velhos percebem que essa simplicidade do brincar está desaparecendo aos poucos, muitos costumes que tinham estão sendo esquecidos e com isso as crianças estão colocando outras coisas no lugar. A maior preocupação dos pais e de nós da comunidade é que devido a chegada da *internet* na comunidade, as crianças desinteressam pelas nossas tradições, cultura e brincadeiras.

Na comunidade Maiadinha atualmente temos cerca de umas cem crianças. Diferente da situação do Senhor Mariano e da Bela, mesmo que com muitas dificuldades na questão de transporte escolar, todas as crianças tem a oportunidade de estudar, brincar e ajudar seus pais nas pequenas atividades.

Nesta pesquisa contei com a colaboração de toda comunidade, crianças, jovens e adultos. Com foco principal em pessoas mais velhas da comunidade, observando assim suas brincadeiras quando crianças e as crianças atualmente, para que possamos resgatar as brincadeiras que nossos avós brincavam antes. E sistematizamos essas brincadeiras para que sejam inseridas, possivelmente, no âmbito escolar de uma forma didática no futuro.

Capítulo 2 - Referencial teórico

Na comunidade Maiadinha buscamos vivenciar a nossa cultura como a folia, a sussa, os festejos. As brincadeiras fazem parte também da nossa cultura, são presentes na vida das crianças, que assim começam a desenvolver seus conhecimentos. Aqui na Maiadinha sempre há um grande número de crianças que através das brincadeiras de roda, ciranda, cantos, entre outros, conhecem melhor sua realidade.

De acordo com Vigotski (2018), é fundamental que já na infância as crianças possam absorver bons conhecimentos, trabalhando assim sua imaginação. Segundo o autor, as crianças que mais brincam, estudam juntas, e no decorrer de sua vida será mais fácil terem uma boa comunicação, ou seja, saber selecionar mais facilmente suas ideias. As brincadeiras lúdicas sempre ajudam no desenvolvimento das crianças, pois muitas delas são experiências vividas por pessoas da família ou da comunidade.

Como afirma Maristela Soeira (2018), o diálogo é de suma importância na educação das crianças, sendo uma das bases da pedagogia libertadora, em todos os âmbitos da vida do sujeito. Ou seja, a educação é um processo cultural que busca partir sempre da realidade. Dessa forma, entra a importância de fazer com que cada criança conheça sua cultura, ou seja, é na infância que devemos fazer com que elas cresçam sendo sujeitos críticos. Isso devemos passar pra nossas crianças, desde sua infância. Para Vigotski (2018), não há desenvolvimento físico se a mente não se desenvolve.

Com isso o autor nos mostra que devemos buscar estar sempre em constante desenvolvimento em toda área de nossa vida, principalmente para as crianças, pois elas se formam através de bons diálogos. Assim acontece com as brincadeiras, quanto mais elas falam da realidade, mais possuem bons conteúdos. Isso faz com que mais facilmente a criança se desenvolva seja na escrita, na linguagem e até mesmo no meio social.

Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que expressam melhor em suas brincadeiras. A criança

que monta num cabo de vassoura e imagina se cavalgando um cavalo; a menina que brinca de boneca e imagina-se a mãe; a criança que, na brincadeira transforma-se num bandido, num soldado do exército vermelho, num marinheiro, todas essas brincadeiras representam exemplos da mais autêntica e mais verdadeira criação. (VIGOTSKI, 2018, p.18)

A criança que desde sua infância brinca e imagina muitas coisas na sua adolescência e velhice tem boas lembranças e imaginações, possui melhor desenvolvimento em todas as áreas de sua vida. Mesmo muitas vezes reproduzindo somente o que viu, é uma forma de trabalhar sua imaginação e a partir daí elaborar novas ideias e conhecimentos.

As brincadeiras fazem parte da vivência das crianças, é uma forma de lembranças. Têm muitas delas que brincam não somente pra se divertirem, mas porque a brincadeira possui uma história de vida de pessoas queridas que já faleceram, por exemplo. Os contos, as brincadeiras são como uma fotografia que pegamos olhamos para amenizar as saudades de pessoas queridas.

Como antigamente nossos antepassados não tinham essas máquinas que temos hoje, eles usavam bastante essas lembranças orais. Conheço muitas pessoas aqui na comunidade Maiadinha que guardam boas lembranças através das brincadeiras, das comidas, dos cantos, dos festejos entre outras formas. Minha experiência de fato tem esse sentido, pois conheço minha mãe atrás de histórias contadas pelo meu pai e minhas tias, que sempre falam que ela gostava disso e daquilo. Então por causa desses fatos relatados há coisas que eu passo a gostar por causa disso, porque me traz boas lembranças de minha mãe.

Fazer com que as crianças conheçam a realidade atrás das brincadeiras é fundamental, faz com que através de experiências vividas elas criam brincadeiras usando fatos reais e assim valorizando sua cultura. Para Vigotski, “o cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento” (2018, p. 15). O autor nos traz a importância da imaginação de um ser humano e que através de experiências vividas podemos elaborar várias outras coisas, pois nosso cérebro é capaz de modificar novas formas de reproduzir um

comportamento. Podemos pegar as brincadeiras que nossos avôs brincavam e vemos que, antes, tinham suas formas e seus jeitos. Já hoje brincamos as mesmas brincadeiras, mas muitas coisas foram mudadas. Ou seja, é a atividade criadora que nos faz pensar no futuro, mas modificando nosso presente.

Vigotski reflete também sobre a aproximação da criação com o cotidiano. Segundo o autor, “no entendimento comum, criação é o destino de alguns eleitos, gênios, talentos que criaram grandes obras artísticas, fizeram notáveis descobertas científicas ou inventaram alguns aperfeiçoamentos na área técnica” (2018, p. 17). Para muitos, a criação vem de grandes coisas extraordinárias, mas para Vigotski nossa ideia do senso comum não corresponde verdadeiramente à compreensão de criação, pois todo ser humano tem a capacidade de criação seja em coisas grandiosas ou nas pequenas coisas do dia a dia. Para a psicologia, a criança na infância tem um desenvolvimento importante na criação e na imaginação, possuindo um grande amadurecimento.

Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; maior é a quantidade de elementos da realidade de que ele dispõe em sua experiência; sendo as demais circunstâncias as mesmas, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (VIGOTSKI, 2018, p. 27)

O autor nos traz a importância do ser humano conhecer sua realidade desde criança, percebe-se que toda família deve participar do desenvolvimento da criança. Até mesmo a comunidade onde a mesma vive o sentar pra conversar, brincar com as crianças faz com que elas cresçam com boas lembranças. Isso faz todo sentido durante toda sua vida, as crianças que são bem acolhidas em casa, recebem carinho, afeto e amor, levam por onde elas forem e assim é mais fácil que tenham um bom relacionamento escolar e social. Assim, desde pequenas entendem que tudo que fazemos quando crianças se refletem em toda nossa vida. Essas vivências são os primeiros passos para que assim façam boas criações, ou seja elas mantêm essas ideias para depois construir uma nova história, partindo de uma boa realidade vivenciada por elas em uma longa trajetória. Elas possuem uma grande capacidade de inventar e reinventar seus cantos e suas brincadeiras de uma forma lúdica.

De acordo com Vigotski (2018), a criação é um processo de herança histórica em que cada forma que sucede é determinada pelas anteriores. Sendo assim, como aponta o autor, toda criação vinda de heranças anteriores nos traz a importância de valorizar os conhecimentos de nossos antepassados, pois são eles que vão nos ajudar a transformar nosso futuro. Logo, é fundamental preservar nossas culturas, tradições e brincadeiras. Assim como o autor nos destaca isso, vemos a relação deste ponto com as heranças que nossos avós e pais nos deixaram. Não pensemos que as brincadeiras surgiram por acaso, muitas delas são conhecidas há muitos anos atrás, onde foram cantadas e brincadas por outras crianças. Até porque muitas delas estão com novas criações e invenções.

A criação literária, verbal e visual são os marcos na vida da criança, pois é nesse período que elas começam um processo de descobertas de coisas novas. Em casa e principalmente na escola estão cheias de muita disposição, onde o desenhar é o grande desejo das crianças. Isso podemos ver em todo período pré-escolar, é a atividade que elas mais gostam, sendo inclusive similares os estágios pelos quais passa o seu desenho com as crianças de mesma idade. Vigotski (2018) ressalta que o desenhar faz parte da infância da criança assim como as brincadeiras. No decorrer desses estágios como o autor nos traz, as crianças vão perdendo o gosto pelo desenho, muitas delas completamente.

Assim também vejo acontecer com as brincadeiras, toda criança gosta de brincar, mas com o passar do tempo vão colocando outras coisas nesses espaços. No caso do desenhar, há crianças que nesse processo descobrem seu talento na arte, é uma descoberta que deve ser estimulada e desenvolvida. O desenho é uma das formas que elas encontram para expressar suas ideias, e assim a criança vai se modificando, deixando para trás experiências vividas. Essas etapas ocorrem frequentemente na vida do ser humano.

Segundo Vigotski (2018), as crianças têm muita dificuldade em passar da fala oral para a escrita, é também por isso que gostam do desenho. Nele podem se expressar de várias maneiras e de um jeito mais fácil, já na escrita precisa-se de mais normas. Na fala oral, a maioria das crianças gostam de contar suas

historinhas e suas brincadeiras, mas quando os adultos falam em escrever sempre surgem perguntas como: pra que escrever? Podemos perceber que quando se trata de um tema que fala de sua realidade é bem mais fácil o desenvolvimento da escrita. Vigostki (2018) menciona que de acordo com Tolstoi, a criação literária se desenvolve junto às crianças quando lhes oferecemos o estímulo adequado e os materiais necessários para sua criação. Com isso devemos selecionar bons temas e conteúdos para que elas possam ter a oportunidade de escolha e a partir disso possamos ajudar as crianças a elaborar seus pequenos textos.

Percebe-se isso muitas vezes nas brincadeiras. Tem crianças que conhecem várias delas, brincam, passam pros colegas. Porém na escrita tem grande dificuldade de organizar as ideias.

De acordo com Walter Benjamin (2012a), foi na metade do século XIX com o desenvolvimento das indústrias que nossas crianças começam a perder o interesse pelos brinquedos. Podemos ver isso nos dias de hoje concretamente, não somente nas crianças como também nos pais, que não querem ter mais a responsabilidade de junto com seus filhos construir bons brinquedos.

Lembro-me que quando éramos crianças eu e minhas irmãs inventávamos nossos próprios brinquedos, das coisas mais simples que conhecíamos como até mesmo a casca de timbó que utilizávamos como panela para fazer nossas comidas imaginárias. Hoje vejo que as crianças não estão querendo essas formas de brinquedos.

Benjamin (2012a) nos fala que estamos perdendo a simplicidade dos brinquedos artesanais, os que eram fabricados manualmente e de uma forma natural estão se perdendo. Aqui na Maiadinha, por exemplo, antigamente as crianças não conheciam outros tipos de brinquedos a não ser os que nossos pais e avós faziam para nós, como bonecas de pano, carrinho de madeira, entre outros. Hoje muitas crianças veem isso como se fosse uma coisa feia, preferem as industrializadas, daí que começamos desvalorizar nossa própria arte. Precisamos pensar novas maneiras para que nossas crianças saibam desfrutar com diferentes brinquedos, dos mais simples até os mais sofisticados, e não os desvalorizar. Como aponta Walter Benjamin, “por outro lado, ninguém é mais

sóbrio que a criança: um simples fragmento de madeira, uma pinha ou uma pedra reúnem na solidez e na simplicidade de sua matéria toda uma plenitude das figuras mais diversas” (2012a, p. 246).

A criança muitas vezes não olha detalhes dos brinquedos, como o autor nos traz elas brincam com pequenos fragmentos, ou seja, somos nós adultos que aos poucos vamos dando para nossas crianças somente brinquedos que não sabemos até mesmo de onde vieram. Mesmo diante das dificuldades do trabalho árduo, nós Kalungas buscamos boas formas de brinquedos e brincadeiras para nossas crianças, muitas vezes usamos os recursos que a natureza nos dá, como os rios e os passeios no campo.

E reforçamos que toda criança tem o direito de viver intensamente sua infância, o que se perpassa ao longo de gerações, pois “o mundo perceptivo da criança está marcado pelos traços da geração anterior e se confronta com eles; o mesmo ocorre com suas brincadeiras” (Benjamin, 2012a). Assim como a família é composta por gerações, o autor nos mostra que nossas brincadeiras e brinquedos deveriam ser passados por gerações, onde todos da família conheceriam os brinquedos de seus bisavôs. Ou seja,

a madeira, os ossos, os tecidos, a argila, são os materiais mais importante nesse microcosmos, e todos eles foram utilizados em épocas patriarcais, nas quais o brinquedo ainda era segmento do processo produtivo, conjugando pais e filhos (BENJAMIN, 2012b, p. 247).

De acordo com Benjamin (2012b), as crianças possuem um grande traço vindo de gerações passadas, que influenciam na vida da criança. Assim acontece com as brincadeiras, então devemos buscar meios para que nossos brinquedos e brincadeiras não se percam com o passar do tempo. Percebo que aqui na comunidade precisamos valorizar mais nossa geração e nossas brincadeiras, pois tudo isso é de suma importância na vida da criança e toda pessoa humana. São uma das bases de nossa história, até mesmo o brinquedo não vem através de fantasias, tudo que a criança pega pra brincar por trás possui uma lembrança, uma história. Ou até mesmo um contexto de realidade, como acima citei o meu caso que com minhas irmãs brincávamos com a casca de timbó, como se fosse nossas panelas e pratos. Isso acontecia porque nós

víamos nossas tias cozinhando e utilizando todos aqueles objetos e nós crianças procuramos nossas formas de se assemelhar a elas. Vemos então que a criança possui grandes talentos para inventar coisas novas e diferentes.

Como o autor nos faz recordar, sempre os primeiros brinquedos são os pais que dão, é onde muitas vezes os pais começam a impor coisas na criança comprando um brinquedo caríssimo para ela. Mas pode ocorrer da criança não gostar ou ainda não se acostumar com essas coisas, mas os pais fazem de tudo pra elas gostem porque foi caro, todas as outras crianças têm, etc. Assim sem ter direito a escolha de gostar ou não, por imposição dos pais, a criança acaba brincando com ele. Isso é totalmente diferente do que vivi na minha infância, até porque nunca comprávamos brinquedos, sempre nossos pais, tias e avós faziam pra gente ou nós mesmos inventávamos, diferente das crianças de hoje. Os pais estão perdendo a simplicidade de dar brinquedos pros seus filhos, é muito bom comprarmos uma boneca diferente sim, mas não podemos perder essa identidade de família, nossa história que vem através dos brinquedos e das brincadeiras (BENJAMIN, 2012b).

Podemos perceber a importância de darmos às nossas crianças brinquedos que possuem boas histórias e não somente possuir eles. Penso que é fundamental nós refletirmos bem antes de irmos até uma loja comprar brinquedos pra nossas crianças, pois muitas vezes temos em casa aquele que o papai e mamãe brincou quando crianças e a partir disso começar a trazer sua história até os dias atuais. Assim elas vão brincar não com qualquer brinquedo, mas verão que há uma bonita história real por trás de cada brinquedo.

No livro o que é “O que é? Infâncias Kalunga” de Marise Glória Barbosa (2018) pude perceber que nas outras comunidades Kalungas as crianças possuem várias brincadeiras e brinquedos iguais ou parecidas com os da comunidade Maiadinha. Isso é muito importante, saber que elas têm essa ligação através das brincadeiras, cantigas e adivinhações. Por exemplo, no Riachão, Areia, Tinguizal e Maiadinha, um dos nomes conhecidos é a Brincadeira de Ronda. E em outros lugares como Diadema, a mesma brincadeira se chama Brincadeira de Roda. (BARBOSA, 2018).

Em nossas pesquisas e vivências, entendemos que a repetição para as crianças se torna a essência da brincadeira, ou seja, que elas têm prazer quando dizemos “vamos brincar outra vez”. Quando a criança brinca e se apaixona pela brincadeira não se cansa de brincá-la. É isso que temos que passar pra elas e não impor, mas de uma forma lúdica e divertida buscar que as crianças entendam e participem de cada detalhe e não somente o divertir. Podemos ter bons conhecimentos, e pensar num mundo melhor começando pelas brincadeiras.

Como afirma Benjamin, “um poeta contemporâneo disse que para cada homem existe uma imagem que faz o mundo inteiro desaparecer; para quantas pessoas essa imagem não surge de uma velha caixa de brinquedos?” (2012b, p.253). O autor nos faz pensar como estamos construindo nossa imagem, será que é possível alguém um dia lembrar-se delas com saudades? Isso é uma das formas de buscar sempre coisas boas em todas as áreas de nossa vida, começando desde a infância.

Uma das pontes para esse esforço junto às crianças é a Educação Popular, que trabalha concretamente com a realidade. De acordo com Maristela Soeira (2018), o diálogo, como vimos anteriormente, é “uma das categorias mais importantes em Freire e é central para a Educação Popular, sendo, portanto, o alicerce de uma pedagogia libertadora transformadora fundamentada na palavra, no trabalho, na ação e na reflexão” (SOEIRA, 2018, p. 33).

Podemos trabalhar com as brincadeiras, mas, se não há um bom diálogo entre educador e educando posso dizer que nada se concretiza. Pois é através do diálogo, do observar as crianças é que conhecemos melhor o que gostam, e também o que não gostam tanto. Convivendo a um tempo com crianças de diferentes modos de vida, pude perceber como o diálogo entre a família faz com que as crianças sejam mais críticas, mais abertas ao diálogo e até mesmo nas brincadeiras sabem interagir de uma forma mais fácil.

Aqui na comunidade, a maioria das crianças tem essa dificuldade de expressão. Isso me preocupa bastante, pois está vinculado com a convivência em casa. Quando os pais têm o costume de dialogar com a criança, ela também terá mais facilidade na comunicação com outras pessoas. Antigamente era a

obediência do silêncio, que muitos cultivam até nos dias atuais, onde a criança não pode falar quando dois ou mais adultos conversam. E assim, ao invés de construir um bom diálogo entre ambas, a criança é retirada de uma forma silenciosa, sem uma explicação do porquê ela não pode participar daquela conversa. Então, o diálogo é fundamental em toda a vida do ser humano, principalmente da criança, assim como as brincadeiras. Isso ocorre pois a criança ainda está conhecendo um novo mundo.

Como ressalta Soeira,

Atividades lúdicas dirigidas podem contribuir para desafios cognitivos, conhecimentos específicos, promover interações, cuidar das emoções das crianças (seus afetos, medos, autonomia, autoestima e confiança), trabalhar valores e propor desafios físico-motores. Há vários benefícios e potenciais trabalhados durante a brincadeira (2018, p.78).

As brincadeiras lúdicas, como vimos, trabalham o todo da criança, ajudam a mesma a ter bons desenvolvimentos escolares, pessoais e sociais. Muitas vezes é a partir de uma simples brincadeira que a criança conhece os números, aprende a ler, e também conhece a si próprio. Brincar é um exercício que integra mente, corpo e alma, pois através delas a criança passa enfrentar os desafios da vida. Conheceremos no próximo capítulo as brincadeiras da comunidade Maiadinha, relatadas por seus próprios moradores.

Capítulo 3: Brincadeiras lúdicas da infância Kalunga

Em nossa comunidade e na cultura quilombola Kalunga, há inúmeras brincadeiras que poderíamos registrar, mas dentre elas escolhemos algumas que foram passadas entre gerações. Como dissemos anteriormente, sabemos o quanto muitas delas estão se perdendo, assim temos como objetivo trazer esta sistematização que ajude as futuras gerações para terem conhecimento de como eram as brincadeiras das crianças que vieram antes delas.

Como parte da metodologia de pesquisa qualitativa e da minha observação participante diante dessa realidade, tivemos um momento de roda de conversa na comunidade Maiadinha com a participação de mulheres, homens, jovens e crianças. Estes foram listando inúmeras brincadeiras que tomei como ponto de partida, as quais os mais velhos falaram que já tinham brincado, e que agora viam as crianças brincando, só que com menos frequência. Os mais velhos relataram que atualmente as crianças só querem brincar com o celular, e estão perdendo o gosto pelas brincadeiras com outras crianças.

Podemos ver um pouco do passo a passo de algumas brincadeiras descritas abaixo, desde a construção até o momento de brincar. Muitas delas precisam de todo um material e sabemos que as crianças são criativas e elas se colocam com disposição na preparação das brincadeiras. Para mim, isso que é o bonito de se ver, ter a participação das crianças desde a preparação é o melhor para a hora de brincar.

Levando em consideração também a questão dos materiais dos quais utilizamos nas preparações das brincadeiras, eles são todos retirados do nosso meio, ou seja, as crianças têm acesso aquilo que é preciso. Mesmo quando não tem um material, ele é substituído por aquilo da nossa realidade. As crianças são muitas criativas, elas sempre inventam algo novo nas suas brincadeiras.

Brinquedos que as crianças mesmas fazem aqui na comunidade utilizando materiais muito simples, podem se tornar um grande brinquedo. Aqui o Ravi faz questão dele mesmo explicar como faz, o que utiliza para produzir e como brincar com o carrinho que ele faz.

*Brinquedos feitos pelas crianças Kalunga da comunidade Maiadinha
(relato por Ravi)*

Vou precisar de:

Uma garrafa de refrigerante dois litros.

Duas rodas iguais, de preferência de borracha (aqui nós pegamos chinelo velho).

Um pedaço de pau, mais fino que um dedo, do tamanho de um palmo.

Um pedaço de linha de pesca ou barbante (tamanho da sua preferência).

Como fazer:

Pega a garrafa, abre ela de um lado, que ficará pra cima e faz um furo no final da garrafa. Coloca o pauzinho no buraco e enfia as duas rodinhas no pau, depois pega o barbante ou linha de pesca e amarra na boca da garrafa.

Como brincar:

Faz um percurso ou mede uma distância e de dois em dois juntos, sai correndo fazendo um racha, pra ver quem chega primeiro. O carrinho pode ser carregado ou vazio, quem chega primeiro ganha.

Nesse simples brinquedo, se observarmos bem, encontramos muitas formas de aprendizagem, onde as crianças trabalham com o todo. Vemos desde a reciclagem, a matemática, o exercício físico, entre outras habilidades. Mesmo que elas não tenham essa dimensão de que trabalham tantas coisas numa brincadeira.

No caso do Ravi, ele só sabia que era um carrinho, ainda não tinha pensado de que quando fazia o carrinho, estava estudando várias disciplinas ao mesmo tempo e contribuindo com o meio ambiente, pois garrafas que seriam jogadas fora foram reutilizadas. Então, quando a criança fica sabendo que por trás daquele brinquedo que gosta tanto de brincar ainda estuda junto, ficam muitos felizes. Aqui está a importância dos pais e adultos participarem das brincadeiras das crianças, elas inventam e recriam o tempo todo. Esse diálogo,

ou seja, essa explicação da importância e contribuição das brincadeiras é fundamental para a criança em todas as áreas. Veremos mais adiante neste capítulo as observações de Ravi sobre as brincadeiras em sua entrevista.

Agora traremos Lomany, também da comunidade Maiadinha, que nos apresentará a brincadeira de ronda, mencionada no capítulo anterior.

Brincadeira de Ronda:

Lomany canta como ela conheceu a brincadeira de ronda: as crianças fazem uma roda, seguram nas mãos um do outro, mas tem que ser muitas crianças senão fica sem graça. Aí primeiro sai rodando devagar, depois vai sendo mais rápido, e depois começa dançar e cantar, qualquer música animada que crianças gostam. E assim vai rodando mais forte e cantando, quem ficar tonto ou cansar e pedir pra parar, sai da roda. E também pode dividir em dois grupos, metade da roda, grupo um e metade grupo dois. Se alguém de um dos grupos pede pra parar o grupo todo sai e perde a brincadeira. (Lomany, informação oral à pesquisadora).

Essa brincadeira quase toda criança conhece, mas sempre tem uma forma diferente de brincar. Como a Lomany fala, tem que ter muita gente pra animar. A criança vai criando estratégias para que a brincadeira fique mais divertida e animada. É a mesma brincadeira que sua tia Isabel brincava quando criança. Lomany hoje canta assim: “Pegava nas mãos do outro, fazia a rodona, rudiava aquele mundo assim óó!!! E agora saía andando ao redor assim, ó, dançando!” Percebe-se que é a mesma brincadeira, mas há detalhes diferentes, ou seja, as crianças vão colocando mais animação nas brincadeiras. E nunca deixa de ser a brincadeira que Lomany aprendeu com sua tia Isabel.

Na nossa conversa com o grupo, coletamos e sistematizamos 13 brincadeiras e um conjunto de adivinhações, que apresentaremos agora. E além do registro, experimentamos as brincadeiras na Colégio Estadual Quilombola Kalunga I com as crianças, fazendo o registro fotográfico que trazemos neste capítulo.

1. Brincadeira cavalo de pau

Materiais:

- 1 Peça de pau fino de 2 metros mais ou menos, depende o tamanho da criança;
- 1 Peça de barbante.

Como fazer:

Pegue o pau, amarre o barbante na ponta do pau.

Como brincar:

Mede o percurso em que será a chegada da corrida, duas ou mais crianças montam no pau que simboliza o cavalo, seguram no barbante que simboliza o cabresto, e saem correndo em direção ao local de chegada. Ganha quem chegar primeiro.

Nesta brincadeira, as crianças poderão aprender várias disciplinas como matemática, física, artes, educação física, português e vão conhecer um pouco do cavalo.

2. Amarelinha

Materiais:

- 1 Pedra pequena;
- 1 pequeno pedaço de pau.

Como fazer

Procure um espaço limpo. Pegue o pedaço de pau ou giz e no chão faça um quadrado e assim sucessivamente utilizando 1 e dois quadrados. Se comecei com 1, o segundo precisa ter 2 e assim até chegar no número 10, que será finalizado com um meio círculo (meia lua) chamado céu.

Como brincar

Faça a fila, o primeiro pega a pedrinha e joga para acertar no número 1, ou seja no primeiro quadradinho. Se acertar ele começa a pular nos quadradinhos, lembrando que onde a pedra está não podemos pisar. Então essa criança precisa pular direto com os dois pés no número 2 e 3, e assim depois no 4 somente com um pé, no 5 e 6 com os dois, no 7 com um até chegar lá no círculo chamado céu. Se erra e pisa com os dois pés onde há somente um quadradinho, precisa voltar e passar a vez para o próximo. Lembrando que tudo depende de onde a pedra está e será necessário observar os quadradinhos onde pulam com um ou os dois pés. Essa brincadeira todos podem brincar, as crianças sempre querem saber quem ganhou. O ganhador será quem conseguir chegar primeiro no céu.

Com esta brincadeira podemos tirar vários ensinamentos, que levamos em toda nossa vida, como o conhecimento de que nem sempre vamos acertar em nossas escolhas. E mesmo acertando, temos que percorrer um caminho que muitas vezes será difícil, mas não podemos desistir. É preciso chegar na meta, não podemos fazer que nossas crianças desistam nos primeiros erros.

Figura 2 – crianças da Maiadinha brincando amarelinha



Fonte: montagem com fotos da autora. Mar. 2023.

Figura 3 – crianças da Maiadinha brincando amarelinha



Fonte: montagem com fotos da autora. Mar 2023

Figura 4 – crianças da Maiadinha brincando amarelinha



Fonte: montagem com fotos da autora. Mar 2023

3. Adedanha

Materiais:

- 1 folha de papel;
- Lápis de escrever.

Como organizar:

Façamos dois ou mais grupos, sentados todos numa roda, e decidimos o que vamos pesquisar, se é cidade, frutas, objetos... escolhemos uma criança para iniciar a brincadeira. No meio da roda ela coloca a mão para trás e diz: Adedanha! Então mostra uma quantidade de dedos para toda a roda. Assim contamos os dedos em ordem alfabética, por exemplo, se ele colocou o número 2 temos a letra B. Aqui vamos pesquisar cidades, então cada grupo precisa dizer uma cidade que começa com a letra B. Por exemplo, um grupo diz Brasília e anota, o outro precisa dizer outra cidade iniciando com B, e assim até falar todo o alfabeto.

As crianças começam a trabalhar em grupos, a escrita, o pensamento, a geografia com a descoberta de novas cidades, os números entre outros conhecimentos somente através desta simples brincadeira. Se ainda não sabem escrever, pode ser somente oral.

4. Avião de folha de caju e manga

Materiais:

- folha de caju ou de manga (folhas mais duras);
- pedaço de pau pequeno.

Como fazer:

Pega uma folha e corta ela fazendo o formato das asas do avião. Depois faz um furo ao meio, coloca o palito, segura firme e corre contra o vento. Isso fará o aviãozinho rodar e está feita a brincadeira. Quanto mais rápido as crianças correrem, mais o avião irá girar como vemos nas fotos abaixo.

Figura 5 – crianças da Maiadinha brincando com avião de folha de caju e manga



Fonte: montagem com fotos da autora. Mar. 2023.

Figura 6 – crianças da Maiadinha brincando com avião de folha de caju e manga



Fonte: montagem com fotos da autora. Mar 2023.

5. Bilóquio com copo

Materiais:

- copo ou lata reciclada;
- pedaço de barbante;
- pedaço de pau pequeno.

Como fazer:

Pega um copo ou lata que não usa mais, faz um furo no fundo do copo, pega corda fina e faz um nó para não soltar. Depois pega um pedacinho de pau fino e amarra na corda. Agora é só jogar o copo para cima e tem que fazer cair no palito que está na mão.

Figura 7 – crianças da Maiadinha brincando com o bilóquio



Fonte: montagem com fotos da autora. Mar. 2023.

6. Pula corda

Material:

- corda.

Como fazer:

Duas pessoas seguram uma corda e começa a bater, os outros em fila começam a pular. Tem como pular foguinho, que é bater a corda mais forte que o normal.

7. Batata quente

Material:

- bola.

Como fazer:

Faça uma roda com todos em pé, onde uma criança fica com o rosto virado pra parede de olho fechado e cantando batata quente-quente-quente... repetindo a palavra “quente” sem parar. Enquanto isso, os que estão na roda vão passando a bola rapidamente para que quando o colega parar de falar a palavra “quente” a bola não esteja com ele. Em algum momento, a criança trocará a palavra “quente” por “queimou”. Onde a bola parar quando ele falar “queimou”, será a criança “queimada” e deve ir pra parede cantar, segue assim até todos passarem pela experiência de ir cantar virado pra parede.

8. Balanço de corda

Materiais:

- pedaço de tábua;
- duas cordas compridas.

Como fazer:

Escolha um galho forte de árvore, amarra as duas cordas mantendo a distância entre elas compatível com o pedaço de tábua. Por fim, amarre as cordas na tábua e só brincar! Faça uma fila e, de um em um, sentam no balanço e o outro fica balançando na velocidade que ele preferir. Se estiver sozinho, sempre é possível se balançar também.

9. Sanfona de palha

Materiais:

- palhas de coco, pode ser coco indaiá, por exemplo.

Como fazer:

Pega a palha de coco e vai dobrando pra dentro e pra fora até ficar bem encolhida. Assim dará para abrir e fechar. É possível fazer essa sanfona com uma peça ou com quatro peças.

Figura 8 – crianças da Maiadinha produzindo as sanfonas de palha



Fonte: montagem com fotos da autora. Abr. 2023.

10. Corre Cotia

Materiais:

- ramo de folhas.

Como fazer:

Em círculo com todos sentados no chão, uma criança do lado de fora do círculo com um ramo na mão sai correndo, rodeando a roda e cantando: “Corre Cotia, de noite e de dia, debaixo da cama, da dona Maria...”. Quem está sentado precisa estar atento, porque quando a criança com o ramo parar de cantar, ele deixará o ramo atrás das costas de alguém, que precisa pegar o ramo e sair correndo atrás da criança que cantava, tentando pegar ela. A rodada termina se a criança que cantava sentar no mesmo lugar em que ela estava, se não conseguir ela dará continuidade à brincadeira, rodeando e cantando até todos participarem.

Está brincadeira trabalha com o físico da criança e também a mente, pois é preciso de muita atenção. O ramo pode ser deixado atrás dele a qualquer momento e ele não perceber.

Figura 9 – crianças da Maiadinha brincando de Corre Cotia



Fonte: montagem com fotos da autora. Abr. 2023

11. Bamboê de cipó

Material:

- pedaço de cipó de um metro aproximadamente;
- pedaço de cipó curto para a amarração.

Como fazer:

Com um pedaço de cipó grosso e flexível, enrole o mesmo na forma circular montando o bamboê. Ao final, amarre as duas pontas com outro pedaço de cipó, que pode ser mais fino.

12. Pião de birro

Material:

- birro, que é um tipo de coco da região.

Como fazer:

O birro é um coco que se encontra sempre nas margens do rio. Ele tem o caule espinhoso e os animais, em especial as vacas, gostam de comer a sua polpa que é adocicada. Ao ser ruminada por eles, esse coco sai sem a polpa e é quando está pronto para ser utilizado como o pião.

13. Boneca de capim

Material:

- capim da região, preferencialmente mais grosso.

Como fazer:

No Cerrado existe um tipo de capim que cresce com o formato de mecha de cabelo. Tem que ser arrancado e com ele fazemos tranças, como se fosse no cabelo de verdade, como veremos nas fotos abaixo.

Figura 10 – crianças da Maiadinha produzindo suas bonecas de capim



Fonte: montagem com fotos da autora. Abr. 2023.

Para concluir esse experimento com as brincadeiras junto às crianças Kalunga na escola da Maiadinha, peguei alguns brinquedos que eu quando criança brincava e fui na sala de aula fazer uma apresentação aos alunos. Tentei verificar se eles brincam com esses brinquedos, levei a boneca de capim, a panela da casca do tingui, a canoinha, o binóquio, etc. Eles ficaram maravilhados, e todos queriam pegar para brincar, mas para minha surpresa poucas crianças conheciam esses brinquedos. Fiquei preocupada em perceber que nossas crianças estão deixando de brincar nossas brincadeiras tradicionais. Porém, o bonito desta situação foi que tive a oportunidade de passar um tempo com elas e explicar um pouco de cada brinquedo. Assim, eles me diziam: “agora vou brincar disso lá em casa”. Percebo que essas crianças não estão tendo a oportunidade de conhecer tantas brincadeiras simples, mas de grande valor para cada criança. Aqui na comunidade, as crianças ainda brincam bastante e gostam muito. Para isso, é preciso que nós responsáveis incentivemos e passemos isso a elas, pois aos poucos, se não há o repasse, as brincadeiras da nossa cultura e tradição vão desaparecendo.

Figura 11 – crianças da Maiadinha com uma diversidade de brinquedos tradicionais



Fonte: montagem com fotos da autora. Abr. 2023.

Por fim, apresentaremos adivinhações que coletei nesta roda de conversa e com meus familiares. As Adivinhações são brincadeiras bem simples que nos ajudam a refletir sobre a nossa cultura e a natureza, e que também acompanham as crianças aqui da comunidade Maiadinha.

Adivinhações - O que é o que é?

- *O que é o que é? Tem asas, mas não voa, tem bico, mas não assobia?*
R= Bule (louça onde coamos o café).

- *O que é o que é? Enche uma casa, mas não enche uma mão?*

R= botão de roupa.

- *Por que que o galo canta com o olho fechado?*

R= Porque sabe a música de cor.

- *O que é o que? Tem dente, mas não morde?*

R= Alho.

- *O que é o que é? Planta chatinha e nasce redondinha?*

R= Abóbora.

- *O que é o que é? Pula para cima e veste de noiva?*

R= Pipoca.

- *O que é o que é? Passa no rio, mas não molha o pé?*

R= O podinho na barriga da égua.

- *O que é o que é? Tem barba, mas não é homem?*

R= Inhame.

- *O que o que é? Vou fazer a você uma pergunta que nunca fiz a ninguém, uma légua de distância quantos fios de capim tem?*

R= Eu não sou essa conta, que eu não sei a dizer, quem soma essa conta é quem não tem o que fazer.

23. *O que é o que é? Cai em pé e corre deitado?*

R= Chuva.

3.1 – Entrevistas com moradores da comunidade Maiadinha sobre as brincadeiras lúdicas Kalunga

Para completar este capítulo sobre as brincadeiras lúdicas da comunidade Maiadinha, fizemos três entrevistas, sendo duas com

moradores mais velhos da comunidade e uma entrevista com uma criança. As entrevistas foram realizadas nas casas dos moradores e utilizaram um roteiro de entrevista semiestruturada, que está no Apêndice 1 deste trabalho. Iniciamos agora com as respostas da moradora Isabel, de 67 anos.

Eu gostava de brincar de casinha, nós pegava casca de pau e fazia como vasilha, lá nós fazia comida de mentira, ia colher frutos para fazer a comida, era tudo parecido com o que minha mãe fazia, só que não podia comer era só pra brincar mesmo, tinha também boneca de capim, fazia panelinha de barro, prato, boneca de pano. Porque não tinha outros brinquedos e também eu gostava, era muito divertido, e aprendia fazer algumas coisas.

Aprendi [a brincar] com minhas amigas e com minha mãe, não estudei, então tudo aprendia em casa ou quando encontrava minhas amigas elas vinha na minha casa, e eu ia na delas.

Não estudei [na escola], mas as brincadeiras me ajudaram muito, porque aprendi a fazer muitas coisas, aprendi trançar cabelo brincando com boneca de capim, lá nós tentava fazer as tranças daí um dia aprendi, depois quando ganhei minhas filhas já trançava o cabelo delas e aprendi brincando.

Tudo que eu aprendia passava para minhas amigas e elas aprendia passava pra mim, até hoje eu tenho o maior gosto de ensinar o que aprendi, sempre busco passar para minhas filhas e toda criança que quiser.

Não [quando era criança] durante a semana era dia de trabalhar no final de semana que eu ia na casa das meninas, ou elas vinha e juntas brincávamos, nós não brincava juntas todo dia não, eu podia até brincar nas horas vagas com meus irmãos, pouco tempo quando mãe tirava pra ensinar nos alguma brincadeira ou cantiga.

Naquela época eu brincava porque gostava, hoje eu vejo o quanto foi bom aquelas brincadeiras, porque aprendi coisas que até hoje sei, fazer tranço cabelo, faço panela de barro, e tudo começou quando ainda era pequena, foi muito importante.

Há uma grande diferença [nos dias de hoje], as crianças não querem brincar, fica querendo que os pais dar celular, e muitos fica assistindo coisas que não aprende nada, perde muito tempo, nós não perdia tempo com besteiras não. Era bom se tivesse o celular e também quisesse fazer outras coisas brincar, cantar as cantigas de rodas, mas não estão colocando o celular no lugar das brincadeiras daí cresce sem saber cozinhar, costurar, trançar, essas crianças de hoje estão perdendo as brincadeiras que ensina fazer tantas coisas boas.

Eu não posso falar que todas as crianças não quer brincar mais, porque tem as que não quer mesmo, mas tem outras que quer.

Mudou quase tudo, [as crianças hoje] tem mais tempo pra brincar, pode ir pra escola brincar com outros meninos, e mesmo assim muitos prefere ter celular para jogar, ele é bom mas brincar juntos também é bom.

Aprendi [quando brinquei na minha infância a] cozinhar, trançar cabelo, e quando brincava juntas sempre falava de outras coisas, então sempre aprendia alguma coisa nova com minhas amigas.

Brincava em casa aqui ou na casa das minhas amigas e também quando tinha as festas, porque em todo lugar nos inventava uma brincadeira igual esconde-esconde, de roda, bastava ter crianças que daí nós inventava mesmo só não ficava sem brincar.

Em casa eu brincava com meus irmãos mais velho, mas tinha brincadeira que eles não queria daí esperava encontrar minhas amigas, minha mãe sempre ensinava nós algumas brincadeiras e daí brincava com nós, ela também inventava mas nós achava bom demais.

Outro morador da comunidade é Seu Mariano, de 70 anos, que ouvimos para compreender a importância das nossas brincadeiras.

Ah eu gostava muito de brincar de cavalo de pau, canoa de pau, carrinho de madeira, esconde - esconde, pegava marmelada e dizia que era vaca, gostava de todas porque era bom brincar nós inventava qualquer coisa, lutava, jogava capoeira, brincava no rio.

Aprendi com meus amigos e vendo outros meninos brincar, eu brincava também com minhas irmãs, porque eu era o mais velho não morei com meu pai, não cheguei a estudar, tudo que sei foi com minha mãe e conhecidos.

Eu brincava em casa quando encontrava meus amigos ou nas festas. As brincadeiras me ajudou tantas coisas a cuidar das vacas, a nadar, nós fazia por brincadeira, hoje vejo o quanto me ajudou.

É sempre bom passar o que sabemos pra outras pessoas, eu sou disponível em passar o que sei.

Na semana eu só brincava em casa, quando terminava as coisas que mamãe pedia para fazer, no final de semana as vezes encontrava meus amigos e juntos nós brincava.

Sei que as brincadeiras é muito importante porque um aprende com o outro, e juntos ao invés de brigar vamos brincar.

Antes das crianças conhecer o celular era mais fácil até pra conversar com eles, hoje tá difícil imagina brincar, aos poucos estou percebendo o desinteresse pelas brincadeiras, os pais mas novos também não está mostrando as brincadeiras antigas para os filhos, quer dar é celular, e aí esqueci das cantigas de rodas, adivinhações e brincadeira, tá difícil tirar o celular até das crianças o bom era se elas pudesse usar os dois sem deixar um tomar o lugar do outro.

Hoje podemos ver como as crianças estão desinteressadas pelas brincadeiras, ainda brincam mas são poucas, pergunta menino se conhece tal brincadeira não conhece, não coloco a culpa só nelas não, mas também nos pais que não está interessado em passar o que aprendeu para seus filhos, porque precisa de tempo sentar á tardezinha juntos para conversar e brincar, isso aqui já está quase desaparecendo, quer brincar mas com o celular.

Elas estão querendo brinquedos já prontos comprados, quando eu era criança nós brincava com tudo que encontrava, e outra tudo era dividido se meu pai me ajudasse fazer um carrinho de pau, já ia correndo para mostrar e brincar com meus amigos e todo mundo brincava com o mesmo carrinho.

[Hoje em dia] Mudou muitas coisas passou das brincadeiras entre os amigos para mexer no celular, pode ver até o comportamento das crianças que brinca é diferente sabe dividir as coisas porque brincando aprende que tudo precisa ser dividido.

Eu aprendi muitas coisas que carrego até hoje, porque quando aprendemos uma coisa boa não podemos esquecer, o respeito, o saber que tudo quando faz junto é melhor, eu aprendi mexer com gado brincando de marmelada, porque eu via meus tios apartando as vacas tocando, ai nós pegava as marmelada e fazia igual ele pequena de um lado grande do outro ai eu entendia que para tirar leite precisava apartar primeiro a vaga daí cresci e fazia a mesma coisa.

Eu brincava em casa, nas festas onde encontravas meus colegas, porque naquele tempo aqui na comunidade não tinha escola não.

Em casa brincava sozinho ou com meus colegas quando vinha passear aqui ou quando eu ia na casa deles, meus pais gostava de brincar de adivinhação era engraçado de mais, tinha dia que nós ficava até tarde sentado aqui fora cantando adivinhação.

Por fim, ouvimos uma criança da comunidade, que já nos relatou uma brincadeira neste trabalho. É o Ravi, de 7 anos de idade.

Gosto de jogar bola, brincar de carinho, pula corda, esconde-esconde, queimada, aviãozinho de folha, corre cotia eu gosto de brincar de tudo. Porque é bom e divertido estar com meus colegas.

Aprendi brincar em casa, na escola e no oratório, aqui na comunidade temos catequese onde também temos diversas brincadeiras encontramos sempre nos sábados para formação e brincadeiras.

Na escola eu brinco sempre nas sextas-feiras, sim ajuda aprendo muitas coisas como conhecer os números, correr, dividir os brinquedos.

Quando eu aprendo uma brincadeira nova eu ensino para meus colegas, porque ai nós brinca juntos.

Eu brinco todo dia com meus irmãos em casa quando chego da escola e termino de fazer as coisas que mãe pede daí vou brincar.

É bom brincar porque aprendemos fazer as coisas, e exercita o corpo, quando fico sem jogar bola muito tempo quando volto pra jogar é ruim, é bom jogar direto.

Eu gosto dessas brincadeiras daqui, mas também gosto de jogar no celular de mãe, no celular é ruim porque tem que jogar eu só, mas eu gosto.

Gosto de brincar sim dessas brincadeira que corre, que nos mesmos faz, tem umas que eu ainda não sei brincar.

Tem colegas meu que só joga no celular não quer brincar de esconde-esconde, pula corda, bola eu gosto dos dois.

Na amarelinha eu aprendi contar os números, Adedanha escrever umas palavras eu aprendo muitas coisas dividir o brinquedo, esperar minha vez de jogar a bola.

Brinco em casa com meus irmãos, na escola e no oratório com meus colegas.

Aqui em casa eu brinco com meus irmãos, primos, e as vezes com minha mãe.

Através das entrevistas, pesquisas e observação percebi a necessidade que temos em fazer com que nossas brincadeiras sejam conhecidas por nossas crianças de hoje. Sabemos o quanto as brincadeiras nos ajudam em todas as dimensões de nossas vidas. Vejo que os brinquedos prontos estão tirando a criatividade de nossas crianças, que aos poucos estão perdendo a capacidade de inventar suas próprias brincadeiras. E podemos concluir que os brinquedos comprados vêm também com um modo de brincar, que muitas vezes é alheio à cultura da nossa comunidade e à tradição Kalunga.

“Elas estão querendo brinquedos já prontos comprados, quando eu era criança nós brincava com tudo que encontrava, e outra tudo era dividido se meu pai me ajudasse fazer um carrinho de pau, já ia correndo para mostrar e brincar com meus amigos e todo mundo brincava com o mesmo carrinho.”

Relato de seu Mariano.

Encontrei crianças com diversos pensamentos, umas que buscam os pais e professores para incentivarem e mostrarem que há outras brincadeiras, e que na simplicidade do dia a dia podemos inventar várias brincadeiras. Outras que conhecem a maioria das brincadeiras apresentada, e outras ainda que realmente pensavam que brinquedos precisam ser comprados como carrinho, bola, boneca. Mas quando levei diversos brinquedos da nossa realidade eles ficaram impressionados. Algumas crianças até conheciam esses brinquedos, mas não sabiam se dava pra brincar. Percebi o quanto precisamos resgatar, registrar e passar essas pequenas brincadeiras e brinquedos que nos ajudam a aprender tantas coisas, assim como dona Isabel relata:

“Não estudei, mas as brincadeiras me ajudou muito, porque aprendi a fazer muitas coisas, aprendi trançar cabelo brincando com boneca de capim, lá nós tentava fazer as tranças daí um dia aprendi, depois quando ganhei minhas filhas já trançava o cabelo delas e aprendi brincando.”

No decorrer das entrevistas com dona Isabel, seu Mariano e Ravi, percebi que muitas coisas foram se modificando na comunidade. Antes não tinha escola, celular hoje tem. As crianças tinham menos tempo para brincar e aproveitavam o máximo, hoje vejo que estão perdendo esse amor pelas brincadeiras. Ravi também percebe isso quando diz:

“Tem colegas meu que só joga no celular não quer brincar de esconde-esconde, pula corda, bola eu gosto dos dois.”

Com a ajuda das crianças e moradores da comunidade Maiadinha percebemos que temos um grande trabalho a ser realizado, fazer com que a partir dessas entrevistas e termos socializado e registrado neste TCC algumas brincadeiras que estão sendo esquecidas é de suma importância fazer com que toda criança da comunidade tenha acesso e conhecimento delas, pois aos poucos elas estão sendo esquecidas. Ao entrevistar Isabel percebi que as brincadeiras que ela brincava quando criança eram as mesmas que eu brincava, já para o Ravi era um pouco desconhecidas.

Aqui identificamos que as brincadeiras não estão sendo passadas como antes, há algumas que ele nem tinha ouvido falar, mas quando ficou sabendo achou muito bom. Na comunidade Maiadinha temos um grande número de crianças, e a maioria são apaixonadas pelas brincadeiras. Se tem um adulto para incentivar ou até mesmo brincar com elas, passam horas brincando, e aprendendo. Por isso que falo precisamos colocar as brincadeiras em nossas apresentações, pois não é somente crianças que podem participar, mas qualquer pessoa. Que nós professores também estejamos atentos ao aprendizado das crianças através das brincadeiras, levar a elas não somente o futebol, a queimada, mas brincadeiras que tratam da nossa realidade, usando também nossas belezas naturais para divertir e aprender brincando, pois são conhecimentos que elas podem levar pra toda sua vida.

Considerações finais

Essa pesquisa, nos vários pontos que a constituem, ajuda resgatar e registrar as brincadeiras lúdicas da Comunidade Maiadinha, Vão do Moleque, município de Cavalcante-Goiás. Pretendemos, além de registro, fazer com que esse material seja utilizado em nossos âmbitos escolares, valorizando e incentivando a importância das brincadeiras para nossas crianças. Podemos futuramente, inclusive, produzir um material audiovisual sobre esse tema. Isso é um desdobramento possível desta pesquisa.

Sabemos que as crianças da Maiadinha são criativas, mas que precisam ser acompanhadas de perto. A criança nunca inventa algo somente para ela, sempre quer mostrar, falar das coisas novas que aprendeu. Percebo que nós adultos precisamos participar mais desses momentos, às vezes uma coisa que para nós é inútil, para elas é de suma importância. Assim, é onde precisamos parar, ouvir e acolher suas ideias e não deixar esses conhecimentos passarem despercebidos. Elas trabalham o tempo todo com a imaginação, possuem uma capacidade enorme de criar novas brincadeiras e precisam conhecer as antigas. Como ressalta Vigotski, “os interesses da criança e do adulto são diferentes e, por isso, compreende-se porque a imaginação dela funciona de maneira diferente da do adulto.” (2018, p. 45).

É de suma importância a participação das crianças na produção dos brinquedos, por exemplo uma criança que brinca com seu carrinho de madeira sabendo que foi ela e seus colegas que construíram juntas, vivencia uma brincadeira totalmente mais divertida e concreta. Da mesma forma são as brincadeiras de rodas e outras, elas precisam conhecer o espaço e se possível como foi feita a preparação. As brincadeiras também estão ligadas com o teatro, assim como elas precisam se sentirem parte da peça teatral, precisam ser parte das brincadeiras. As crianças não tem preocupação em aplausos, elogios, elas querem estar ali fazendo parte.

E quando se trata de resgatar as brincadeiras de nossa comunidade Maiadinha, vai além do registrar, mas trazer e ir na essência de nossa história de vida e juntos buscarmos saber porque brincavam dessa forma na comunidade. Assim podemos desvendar tantas histórias de nossos

antepassados, que para nossas crianças são de grande importância. Ou seja, conhecer o contexto das brincadeiras é fundamental, não basta somente brincar.

O próprio valor dos processos de criação infantil revela-se com muita clareza no modo como os momentos auxiliares – por exemplo, o trabalho técnico de produção do cenário – adquirem para as crianças um significado tão importante quanto a própria peça e a brincadeira. (VIGOSTKI, 2018, p.101).

A criança aprende elaborando, organizando suas brincadeiras, por exemplo para preparar a amarelinha a criança precisa conhecer e aprender os números, como também aprende a escrever algumas palavras que são necessárias nas brincadeiras. Se elas chegam e tudo já está pronto, muitas vezes elas vão demorar para entender a brincadeira, e quando tem a participação na construção mesmo não lembrando da brincadeira, já vai fazendo memória. E ao terminar muitas vezes não é necessária uma explicação. Isso aconteceu com a sanfona de palha, quando a fizemos na escola: a maioria dizia não conhecer, depois que viu o material e juntos fomos fazer percebi que a maioria já tinha visto alguma vez, só que não se lembravam.

Ao concluirmos essa pesquisa, podemos deixar bem claro o quanto precisamos estar atentos com o aprendizado de nossas crianças, e que as brincadeiras lúdicas são um material que precisa estar inserido em nossas matrizes escolares. Através delas, os alunos podem ter um desenvolvimento espetacular em toda dimensão da vida, de forma divertida.

Não podemos fazer com que os jogos digitais tirem a criatividade de nossas crianças, mas devemos saber conciliar as duas coisas. A presença do adulto na vida da criança é de suma importância para orientá-las, como também incentivar as crianças a sempre estarem abertas a brincar com aquilo que as levarão a ir além de uma simples brincadeira. Brincar com as nossas brincadeiras lúdicas Kalunga é uma porta de entrada para nossa realidade. Quando um adulto da comunidade explica uma brincadeira que viveu na sua infância, traz também um pouco da sua própria história de vida e a partilha com a criança. Assim, se elas conhecem bem essas brincadeiras, vão conhecendo a história, a memória e a realidade Kalunga. Queremos que através dessas brincadeiras, possa haver um estímulo às crianças, um gosto pelo brincar que

ao mesmo tempo brinca e aprende, tendo assim um desenvolvimento cognitivo e educacional.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Marise Glória. **O que é o que é?** Infâncias Kalunga. Goiânia: Kelps, 2018.

BENJAMIN, Walter (a). Brinquedo e brincadeira. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____ (b). História cultural do brinquedo. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2012.

KOYANAGI, Raquel. **Memórias de estudantes Kalunga que ingressaram no ensino superior: Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC/UNB).** 2016. 311f.,il. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

LEITE, Jaciara Oliveira. **Ser criança camponesa no cerrado.** Curitiba: CRV, 2021.

SANTOS, Dulcimar Carvalho dos. **Letramento e alfabetização na educação infantil das crianças quilombolas: um estudo exploratório na Escola do Campo Maiadinha Comunidade Kalunga Vão do Moleque.** 2015. 51 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2015.

SOEIRA, Maristela. **Arte e educação infantil: práticas pedagógicas para cirandas infantis das escolas do campo.** 2018.92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo)_universidade de Brasília, Brasília, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Expressão Popular, 2018.

Referências Videográficas

Canal no YouTube "O que é o que é? Infâncias Kalunga"
<http://www.youtube.com/channel/UC9IDThcSkX3FQHzKUaxcb8w>.

Apêndice 1 – Roteiro de entrevista

1. Quais são as brincadeiras que você mais gosta? Porque?
2. Com quem aprendeu brincar? Pais? Na escola? Com amigos?
3. Na sala de aula você brinca? Ajuda no seu desenvolvimento escolar?
4. Você busca ensinar as brincadeiras que sabe para as outras crianças?
5. Durante a semana você consegue brincar amigos em casa?
6. Você sabe a importância que as brincadeiras possuem em sua vida?
7. Como você vê a diferença das brincadeiras antes de conhecer os jogos digitais? E agora como podemos usar dois de forma saudável?
8. As crianças de hoje ainda se interessam pelas brincadeiras de antes?
9. O que você percebe que mudou na forma das crianças brincar hoje?
10. O que você consegue aprender em cada brincadeira com seus amigos?
11. Você brinca mais em casa ou na escola com seus colegas?
12. Em casa você brinca com quem? Seus pais brincam com você?